



CULTURA PROFISSIONAL

TENDÊNCIAS ATUAIS DA GUERRA, SEGUNDO A OPINIÃO CONTINENTAL

General de Divisão B.T. WILSON
Da publicação inglesa "The Royal Engineers
Journal".

Tradução do Major LUIZ FELIPPE DA SILVA
WIEDEMANN.



Governo suíço, assistido pelo seu competente Estado-Maior e situado em sua posição central na Europa, está vigilante a todos os atuais acontecimentos militares, para cuja missão o país está especialmente fadado. Devido aos seus cantões alemão, italiano e francês e ao seu intenso turismo, a Suíça é talvez, o país mais cosmopolita do mundo e, por sua vez, é uma "bolsa" internacional de idéias, inclusive as militares.

O autor propõe-se a apresentar, neste trabalho, o resumo de numerosas opiniões sobre as questões militares, retiradas das páginas das revistas militares suíças.

CONCEITOS GERAIS

O estudo referente às armas modernas é baseado na crença de que a arma pesada é superior à leve.

O obus de 105 mm, por exemplo, substituiu a peça de 75 mm, considerada, outrora, como a arma fundamental de campanha. Quanto aos carros de combate, a tendência é a de dotá-los de armamento mais potente e de uma couraça mais espessa. Dentro das limitações práticas, o objetivo dos inventores militares é o aumento da potência de fogo, que hoje é maior do que nunca. Qualquer que seja o valor da Unidade, deve ser dedicada toda a atenção ao seguinte:

- 1º Potência de fogo;
- 2º Mobilidade;
- 3º Instrução.

As duas primeiras são características opostas que, a cada passo, devem ser colocadas de acordo. Por exemplo, o novo fuzil automático, sem recuo, tem muito maior velocidade de tiro que o seu antecessor; mas, em compensação, as munições deste são mais leves

que as do último, a fim de que o carregador possa conduzir maior quantidade das mesmas.

A instrução se destaca pela sua importância, avaliando-se em dois anos o tempo mínimo para formar um soldado moderno, eficiente. Como, infelizmente, a guerra total e a brutalidade correm paradas, a instrução deverá ser realista, para que se consiga um soldado verdadeiramente resistente e com ânimo preparado para a crueldade da luta.

AVIAÇÃO

Ainda que seja ressaltada a sua importância, são poucos os artigos publicados sobre o assunto. Tratam profusamente da artilharia antiaérea, e especialmente de seus dispositivos para a direção do tiro.

O Exército alemão, na Itália, lutou sujeito a uma grande superioridade aérea adversa e seu comando se encontrava quase às cegas, devido aos seus reconhecimentos aéreos deficientes. No final da guerra, o movimento das tropas entre a Alemanha e a Itália tornou-se extremamente difícil, dadas as contínuas destruições que, do ar, eram executadas sobre as ferrovias nas suas passagens nos Alpes.

A operação de maior rendimento é a de desembarque em praias descobertas, quando, de fato, se dispõe de superioridade aérea e marítima. A ameaça de um desembarque é um pesadelo para o defensor e obriga-o a manter, em reserva, efetivos consideráveis, dos quais correntemente não terá sobras.

Na defensiva, a infantaria que espera o assalto do adversário deve procurar se abrigar diante do bombardeio aéreo e dos ataques em voo baixo, até que surja a infantaria adversária, da mesma maneira que procede enquanto dura o bombardeio da artilharia ou a ação dos carros. E, como a precisão do apoio aéreo é menor que a do fogo da artilharia, aquêle cessará ou antes se mudará dando ao defensor uma grande margem de

tempo para se opor à infantaria inimiga.

Na Itália, os ataques aéreos às pontes das rodovias da retaguarda eram normalmente indicio de iminentes ataques britânicos, de grande envergadura.

A ação dos bombardeiros pesados, a partir de 4.000 metros ou mais de altura, foi menos eficaz que a dos bombardeiros ligeiros a 2.000 metros.

CARROS DE COMBATE

O lema fundamental do ataque moderno é: "Nem infantaria sem carros, nem carros sem infantaria", e predominará nas zonas de terreno tais como as do Oeste da Europa. Na estepe russa, no deserto e quando o inimigo está quase em crise, os carros dão a possibilidade, mesmo que não seja muito freqüente, de serem empregados no mesmo estilo das massas de cavalaria dos antigos tempos. Em vista disto, o tipo de carro que se precisa para a guerra moderna é o que seja fortemente armado e blindado.

Na Europa, as pontes não são, geralmente, suficientemente resistentes para suportarem a passagem de tais carros, e, assim, os engenheiros receberam a freqüente missão de reforçar as pontes.

Teremos que destacar a importância de instruir tôdas as forças que cooperam com os carros. A infantaria especialmente, deve conhecer as servidões dos referidos engenhos para poder empregá-los de maneira adequada quando postos à sua disposição.

O carro lança-chamas revelou-se como uma das mais terríveis armas atuais.

INFANTARIA

A Divisão ternária e a Brigada ou Regimento continuam sendo as Unidades usuais. O grupo de combate tipo Brigada, "Combat Command", segundo o léxico americano, com elementos blindados e anticarros, é uma Unidade manobreira, apta para levar a cabo

contra-ataques rápidos contra um inimigo numericamente superior, cuja força repouse mais na massa de homens que na técnica do combate.

Existe uma corrente alarmista ante a motorização da infantaria, que prende as Unidades aos veículos e às estradas, fazendo com que esta Arma perca uma das suas características fundamentais, que é a sua flexibilidade, e inclusive o hábito de marchar suportando o equipamento, de que é liberada pelos caminhões.

ARTILHARIA

Durante a conquista alemã da França e dos Países Baixos, em 1940, os carros e os bombardeiros picados desempenharam um papel tão espetacular que os espíritos impressionáveis chegaram a concluir que a Artilharia caminhava para o seu fim. No entanto, na Rússia, a guerra, pouco depois, encarregou-se de demonstrar que a Artilharia é mais importante que nunca. Napoleão ficaria satisfeito diante da massa de artilharia que Montgomery empregou em El Alamein, onde a usou, da mesma maneira que em 1914-18, para romper as defesas do Eixo. Atualmente, os crescentes efetivos em jogo permitem cobrir zonas maiores com concentrações intensas do fogo da artilharia, produzido por materiais de maior alcance e projetis de potência superior. A velocidade, precisão e flexibilidade do tiro se beneficiam dos aperfeiçoamentos alcançados pela observação aérea, os dispositivos de radar e a preparação topográfica. Um Comandante de grande Unidade que saiba empregar sua artilharia, terá em suas mãos o instrumento capaz de fazer sentir, intensamente sua ação de comando na batalha, especialmente, em seus aspectos preliminares.

As cargas atômicas, quase prontas para serem utilizadas pelas granadas da artilharia e cujo uso parece ser previsto para as armas automáticas, fazem com que a po-

tência de fogo da defesa tenda a recuperar o predomínio que teve em 1914-18, contanto que o defensor não esteja em condições de inferioridade aérea.

Apoiada desde o ar e pelas outras armas na terra, a Infantaria continua sendo a rainha da batalha, mas a Artilharia é a peça mestra do conjunto potência de fogo.

Quando os efetivos da Infantaria escasseavam, na Itália, os Comandantes alemães resistiam ao intento do Comando da Wehrmacht de converter seus artilheiros em soldados a pé; preferiam ter artilheiros veteranos, conhecedores de seu mister, às duvidosas vantagens que seriam obtidas com os que teriam de ser infantes deficientes.

Num conflito entre um Exército bem equipado e instruído e outro cuja força reside na massa, torna-se patente para aquele a necessidade de dispor de uma grande quantidade de munições de artilharia na imediação das peças. Vários escritores aludem ao caso de que a última das sucessivas ondas atacantes conseguiu chegar ao seu objetivo devido à falta de munições de artilharia, e acredita-se que a guerra da Coreia pode apresentar exemplo de tais fracassos, devido aos defeitos de remuniciamento.

Quando um dos lados dispõe de grande superioridade numérica, é inevitável a defesa com desdobramentos em grandes frentes; em consequência, a Artilharia não deverá confiar sua segurança nas forças avançadas que a cobrem e, sim, deverá preocupar-se por si própria de sua zona de posições, para se encontrar a coberto dos ataques possíveis de carros ou de infantaria.

O morteiro pesado de tiro rápido, cujo alcance é de cerca de 1.800 metros, é considerado como arma de Artilharia de apoio direto, cujo fogo é dirigido por rádio "Walkie-Talkie".

Fazem-se constantes referências aos avanços técnicos da Artilharia de apoio direto, entre os quais se

encontram: a alma cônica e a carga ôca dos projéteis para aumentar o seu efeito na explosão. Reconhece-se, universalmente, que a melhor arma anticarro é o canhão montado, análogamente, a um carro.

É também geralmente admitido o considerável progresso alcançado pela artilharia naval em apoio aos desembarques. Dito apoio, combinado com a superioridade aérea, coloca o defensor em condições muito favoráveis.

Se se dispusesse dos atuais processos de coordenação do fogo de bordo com o de terra, o desembarque de Gallipoli, em 1915, teria sido muito menos custoso.

ENGENHARIA

O sapador, como o artilheiro, torna-se cada dia mais indispensável. As obras de toda classe são vitais, tanto as de fortificação permanente, como a dos mais ligeiros entrenchamentos. As obras de Odessa, Sebastopol, Mayz e muitas outras exigiram semanas e, às vezes, meses para serem conquistados, sempre à custa de grandes perdas. A fortificação permanente, mesmo que não possa nunca ser considerada como inexpugnável, economiza forças, absorve muitos meios dos atacantes e permite ao defensor ganhar tempo para passar à ofensiva, pelo que se pode assegurar que sua razão de ser subsiste na atualidade.

As destruições constituem uma arte, em que a surpresa desempenha o principal papel. Faz-se menção de um engenhoso sistema alemão, empregado na Itália, consistindo em destruir somente na metade de sua largura uma estrada (em desfiladeiro), uma distância de várias centenas de metros e em cortar a via em toda a sua largura de 10 em 10 ou de 12 em 12 metros. Desta maneira, a estrada poderia ser usada, sem grandes dificuldades, pelos pequenos efetivos alemães que protegiam a retirada; porém quando os veículos inimigos, que faziam a perseguição, internavam-se no trecho se-

mi destruído, produzia-se um enorme engarrafamento do tráfego, especialmente à noite, dando oportunidade à intervenção da Artilharia e Aviação.

As minas são obstáculos importantes. Os russos as empregaram, em grande escala e com acerto, durante a sua retirada, em 1941, na qual usaram, apenas, aramados e nem um outro obstáculo. Estendiam os mesmos quase sempre, nas orlas anterior e posterior dos bosques, nas sendas e nas clareiras. Nos bosques que cobrem Leningrado colocaram 40.000 minas. Por sua vez, os alemães colocaram 200.000 minas numa profundidade de 25 quilômetros, numa frente correspondente a duas Divisões, na defesa de Lemberg. Campos de minas de tão considerável valor deliveram, eficazmente, os ataques de carros e infantaria, obrigando-os a serem novamente montados, com a conseqüente perda de tempo, em setores completamente diferentes.

A fobia pelas minas estendeu-se de tal modo que, em certa ocasião, a noroeste de Moscou, uma informação não confirmada atribuiu aos rusos a posse de cães amestrados que, carregados de explosivos, lançavam-se contra os carros. Tal informe sobre os "cachorros minas" afetou tanto as guarnições dos "Panzer", que estas se desabafavam perseguindo os cães famélicos das aldeias que atravessavam. Mas, mesmo que esta história não seja verosímil, não resta dúvida que o efeito moral das minas é enorme e que deverá ser combatido mediante uma instrução cuidadosa. Da mesma maneira que se preparam as tropas para o ataque, sob o fogo de artilharia ou de metralhadoras, deverão ser instruídas, nos tempos de paz, na circulação através campos minados, e durante a guerra tal instrução deverá ser procedida na retaguarda. É muito difícil dissimular as covas em que são colocadas as minas; assim, o inesperante aprende, rapidamente, a localizar os pontos suspeitos e tanto mais facilmente, uma vez que os sapadores, verdadeiramente

especializados nas procuras de minas, serão sempre escassos.

O lugar do Comandante dos homens encarregados das minas é, sem dúvida, importante, pois requer inteligência, imaginação e que atue muito estreitamente com as tropas, que, de outra maneira, podem ser tomadas da fobia pelas minas, tão perniciosas como para o inimigo.

Em uma informação americana, sobre a passagem do Roer, a oeste do Reno, pela 30ª Divisão dos Estados Unidos, em 1945, descreve-se o emprêgo, em grande escala, das nuvens de fumaça. Por meio de aparelhos geradores, os destacamentos encarregados produziram uma cortina fumígena que teve um resultado mais eficiente que a própria obscuridade noturna. Mesmo tendo sido prevista uma duração de doze horas, a pedido da infantaria, prolongou-se até trinta e três horas, dando tempo aos engenheiros para construírem uma ponte para cargas de veículos e o ataque verificou-se com um êxito completo.

Nas grandes frentes continentais, os engenheiros militares deverão atuar largamente, no estilo de organização Todt Alemã. A morte d'este, num acidente de Aviação, privou os alemães da eficiência conseguida sob sua direção. Os americanos dão a devida atenção a esta questão. Nós os ingleses, em princípio, somos propensos a pôr nas mãos de um menino a missão própria de um homem, se bem que nosso material atual de Engenharia não tem o que invejar aos demais, como, por exemplo, a ponte Bailey.

GUERRA DE MONTANHA

A importância das cristas justifica a sua conquista e ocupação. Se se perde uma crista, torna-se necessário recuperá-la, pois, em caso contrário, cairá toda a posição. Isto se consegue melhor atacando lateralmente, desde a própria crista, do que utilizando-se

reservas situadas na sua parte posterior e, por isso, são essenciais as comunicações transversais.

É deveras útil a instrução especializada para a guerra de montanha. Com êste propósito pode ser mencionado o êxito das tropas franco-africanas na Itália.

A mula, portadora dos materiais de combate e subsistência, adquire toda a sua tradicional importância, quando uma Unidade interna-se nas altas montanhas.

Nesta, são ensurdecedores os efeitos acústicos da explosão de granadas e bombas, o que dificulta a boa interpretação de ordens transmitidas pelo rádio.

CORÉIA

Realmente, não se empregaram novas armas, pois trata-se de uma luta entre a técnica e a massa, em que a ação da última desiludiu, não resta dúvida, a U.R.S.S.

Quando o conflito começou, as Divisões americanas estavam tão desfalcadas que se teve de recorrer ao seu completamente com sul-coreanos, até 50 por cento de seus efetivos.

Para se alcançar a vitória sobre um inimigo cuja força reside na massa, não há outros recursos senão a potência de fogo e a velocidade (características que o "Combat Command" já aludido reúne). Foram frequentes frentes extensas; por exemplo, 62 km para duas Divisões.

A cooperação aeroterrestre foi deficiente. A grande velocidade dos aparelhos de propulsão a jato obrigou o emprêgo dos aviões, "pathfinder" (*) que localizavam e designavam àquêles os objetivos terrestres, sistema que deu bons resultados.

As operações na Coréia apresentaram um feito notável, que é o transporte aéreo de tropas.

DEFESA EM CONDIÇÕES DE INFERIORIDADE

Um interessante artigo alemão fez uma resenha da defesa da Pomerânia contra os russos, pouco

(*) Descobridor de Caminhos.

antes de terminar a guerra. Segundo o mesmo, um Corpo de Exército alemão, composto por 8 fracas Divisões, com 70 carros, numa frente de 250 km, aguentou durante 15 dias (22 de fevereiro a 10 de março de 1945) o ataque de 9 Corpos de Exército blindados e 13 Corpos de Exército de Infantaria com 1.600 carros, o que permitiu a evacuação para a Alemanha ocidental, de uma considerável massa de refugiados civis.

ALGUNS CONCEITOS TATICOS

É interessante se constatar a conveniência de situar as posições defensivas em contra-encosta, exceto na montanha, onde é necessário conservar as cristas.

A infiltração noturna é um feito novo que requer atenção especial.

O camponezinho russo, desde a sua infância, está acostumado a trabalhar na escuridão, o que representa uma aptidão para as operações noturnas. E como é um excelente escavador, aferra-se logo ao terreno recém ocupado, do qual é difícil desalojá-lo no fim de muitas horas; por isso, se se tem que contra atacá-lo, deverá se fazer sem perda de tempo.

Segundo uma interessante opinião alemã, é melhor transmitir as ordens por rádios que por telefone, pois se elas fôres bem organizadas, serão breves e precisas e, ainda mais, o destinatário não poderá interrompê-las durante a sua recepção. Durante a campanha impõe-se a brevidade telegráfica.

